

A este Porto Ígneo e Radioactivo

Suzana Guimarães*

As canetas estão flácidas, mas a cidade recusa-se a morrer.

Fervo na alma, quem diria, de tão muda e queda,
Os olhos fecho e mal me mexo,
Enquanto a culpa em mim se hospeda

Debitamos palavras sem nexos
Com o vício dos profissionais do sexo
E assim nos entretemos nos serões declamados
Alienados, pamonhas, pedrados,
Armados em intelecas
Damos versos em vez de quecas
Aconchegamo-nos no buraco infestado
Entre o papel e o cigarro enrolado

Dilatam-se as veias por vocação
Tamanha emoção, frémio erudito

E a noite é isto, com todo o preceito,
Mão ora no ar, ora no peito
Sem pudor na entoação ou no grito

Alimentamos a veia literária
Num ritual da palavra vazia
Esquecendo a reforma agrária
Ignorando a merda na pia

E a alma, (que podia ser lama),
Ferve e uiva para dentro:
Sai daqui
Vai para as escadas da câmara
Grita palavras de ordem
Come os remorsos que te mordem
Esgaça a baixa, fode no centro
Descobre a radioactividade
Entra pelo granito adentro

Ressuscita a cidade
Resgata-a do mijo nas esquinas
e do medo do escuro
Sobe à Torre dos Clérigos
De vertical tão puro
E faz, lá de cima, tamanho basqueiral,
Que acorde o Rio
E faça do teu Porto o tema
De um poema
Em espiral

*Susana Guimarães é natural do Porto. Nasceu a 7 de Agosto de 1972. Vive em Gaia. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas - variante de estudos Portugueses e Ingleses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e especializada na área de Educação Especial - Deficiência Mental e Motora, que está, actualmente, a exercer numa escola pública. Em 2003, publicou o conto "Sonho Partilhado" pela editora Corpus. Tem-se dedicado ao teatro com jovens portadores de deficiência, como estratégia lúdica e potenciadora da aquisição de competências aos mais diversos níveis do Ser. Acredita no poder da Palavra e do Silêncio.